# Trabalhado com as variedades lingüísticas

É comum ouvir as pessoas dizerem que, no Brasil, fala-se apenas uma língua: o português (as línguas indígenas raramente são lembradas...). Entretanto, na realidade, a língua portuguesa possui variedades, afinal, não se fala do mesmo jeito em todas as regiões do país: há diferenças na fala dos mineiros com relação a, por exemplo, a fala dos gaúchos; esta, por sua vez, difere-se do modo de falar carioca, que é diferente do paulista, e assim por diante.

No entanto, mesmo se considerarmos a língua falada pelas pessoas de uma mesma região, veremos que ela varia de acordo com a **classe social** do falante, com o **sexo**, com a **faixa etária**, com a **escolaridade** e com o **grau de formalidade da situação**. Deste modo, todos estes são aspectos que interferem na língua, fazendo com que ela tenha diferenças não apenas na **pronúncia**, como também na **sintaxe**, na **morfologia** e no **léxico**.

Através dos meios de comunicação (televisão, Internet, jornais, revistas, etc) temos algum contato com as outras variedades da língua, contudo, muitas vezes, o que vemos não é uma tentativa de representação *fiel* dessas variedades, mas uma representação estereotipada, que não corresponde à realidade, que exagera nas diferenças existentes entre uma determinada variedade e outra (as novelas são um bom exemplo disso).

Representações desse tipo também são bastante comuns em textos que tenham algum compromisso com o humor: eles usam a tática de exagerar nas diferenças que existem em uma determinada variedade da língua, como uma forma de torná-la esquisita e, por sua vez, engraçada. Um exemplo disso é a famosa conversa que aconteceria entre dois mineiros, durante o café:

**A) Ce qué café?**

**B) Qué.**

**A) Pó pô pó?**

**B) Pó pô!**

**A) Pó pô pão?**

**B) Pó pô poquin só.**

A “tradução” desse diálogo seria a seguinte:

A:Você quer café?

B: Quero.

A: Posso pôr o pó?

B: Pode pôr!

A: Posso pôr pão?

B: Pode pôr um pouquinho só.

O texto parte do princípio de que os mineiros teriam um ritmo de fala bem mais rápido do que os falantes das outras variedades lingüísticas. Contudo, ele exagera visivelmente nesse pressuposto, tanto que algumas palavras chegam a serem reduzidas a uma única sílaba. Além disso, a escolha de termos que tenham principalmente a letra **P** ajuda a melhor visualizar esse efeito.

De fato, a maioria das variedades lingüísticas acaba sendo, a exemplo do que vimos com a variedade mineira, estereotipada. Passa-se uma idéia que, na realidade, não corresponde à verdade sobre essa língua: exagera-se nas diferenças e, não raro, classifica-se tal variedade como “incorreta” e “feia”. Afinal, quem é que já não ouviu falar que no chamado **dialeto caipira** fala-se tudo “errado”? Que essa língua é “errada”, “feia”, “pobre”?

Entretanto, na realidade, não é a língua usada por um falante que é pobre, mas sim o próprio falante. A falta de acesso à educação formal contribui para que as classes socioeconomicamente desfavorecidas sejam discriminadas também lingüisticamente, sendo atribuída à língua desses falantes todo o preconceito que pesa sobre eles. Sobre isto, o lingüista italiano Maurizzio Gnerre (1985) concluiu: *"Uma variedade lingüística ' vale' o que ' valem' na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais"*. (Linguagem, escrita e poder, São Paulo, Martins Fontes, p.4).

Por tudo isso, seria interessante repensar essa questão da avaliação social que as pessoas geralmente fazem das variedades da língua: quais são os verdadeiros motivos pelos quais alguém faz chacota do **R** falado em Piracicaba, do **S** "chiado" dos cariocas, etc ? Segundo Possenti (1996) "Os grupos que falam uma língua ou dialeto em geral julgam a fala dos outros a partir da sua e acabam considerando que a diferença é um defeito ou um erro" (Por que (não) ensinar gramática na escola, São Paulo, Mercado de Letras, p.29), deste modo, soam "esquisitas", quando não "engraçadas", certas formas de falar que são diferentes da variedade a qual se está acostumado.

Contudo, se observarmos melhor as variedades como elas *realmente* são – e não como elas são comumente representadas –, iremos perceber que, de fato, há diferenças entre as variedades, mas que estas diferenças são poucas, menores do que são geralmente representadas e, que, além disso, elas não superam jamais a grande semelhança que existe entre as variedades lingüísticas. E, mesmo que essas diferenças fossem efetivamente grandes, nada justificaria o preconceito que se tem com relação a uma variedade diferente, afinal, ela é exatamente isso: nem superior, nem inferior a nenhuma outra variedade; apenas diferente.